Biblioteca Anarquista

Alfredo Maria Bonanno
Alegria Armada
1977

protopia.fandom.com
Título original: “La gioia armata”. Gioia: Alegria, prazer, diversão. 1977
Edizioni Anarchismo, Catania. 1998 Elephant Editions, London.

bibliotecaanarquista.org

Alegria Armada

Alfredo Maria Bonanno

Alfredo M. Bonanno

1977

Conteúdo

Introdução **3**

Capítulo I **5**

Capítulo II **7**

Capítulo III **10**

Capítulo IV **14**

Capítulo V **17**

Capítulo VI **21**

Capítulo VII **24**

Capítulo VIII **29**

Capítulo IX **32**

Capítulo X **36**

Capítulo XI **40**

Introdução

Este livro foi escrito em 1977 no momento em que as lutas revolucionárias ganhavam espaço na Itália daquele tempo, e aquela situação, agora profundamente diferente, deve se ter em mente quando o lemos hoje.

O movimento revolucionário incluindo aquele de aspiração anarquista estava em uma fase de desenvolvimento que qualquer coisa parecia possível, mesmo a generalização da luta armada.

Mas era necessário protegê-lo do perigo da especialização e militarização que uma minoria restrita de militantes tentavam impor aos dez mil camaradas que estavam lutando de todas as formas possíveis contra a repressão e contra aas tentativas do Estado - ainda fraco demais para dizer a verdade - para reorganizar a administração do capital.

Esta era a situação na Itália, mas algo semelhante estava acontecendo na Alemanha, França, Grã Bretanha e em todos os lugares. Parecia essencial para prevenir as muitas ações levadas a cabo contra homens e estruturas de poder por camaradas que a cada dia esboçavam a lógica planejada de um partido armado como as Brigadas Vermelhas na Itália.

Este é o espírito do livro. Mostrar como uma prática de libertação e destruição precisa vir acompanhada de uma divertida lógica de levante, não uma mortal rigidez esquemática dentro dos cânones pré-estabelecidos de um grupo diretor.

Alguns destes problemas já não existem mais, eles foram resolvidos através de duras lições da história. O colapso do socialismo real de repente redimensionou as ambições dirigentes de marxistas de todas as tendências para melhor. Na outra mão isso não extinguiu, mas possivelmente inflamou, o desejo por liberdade e o anarco-comunismo está surgindo em todos os lugares especialmente entre as gerações mais jovens, em muitos casos sem recorrer aos tradicionais símbolos do anarquismo, seus slogans e teorias também foram consideráveis como uma compreensível mas não compartilhada recusa entranhada a ser afetado por ideologia.

Este livro voltou a estar entre os tópicos novamente, mas de uma forma diferente. Não como uma crítica a pesada estrutura monopolizada

que não mais existe, mas por poder apontar as capacidades potenciais do indivíduo em sua trajetória, com alegria, para a destruição de tudo aquilo que o oprime e o regula.

Antes de terminar gostaria de mencionar que o livro foi condenado a ser destruído na Itália. A Corte Suprema Italiana ordenou que ele fosse queimado. Todas as bibliotecas que possuíam uma cópia receberam uma circular do Ministério de Assuntos Domésticos ordenando sua incineração. Mais de uma biblioteca se recusou a queimar o livro, considerando tal prática como digna dos Nazistas ou da Inquisição, mas por lei o volume não poderia ser consultado. Pela mesma razão o livro não poderia ser distribuído de forma legalizada na Itália e muitos companheiros tiveram suas cópias confiscadas durante uma vasta onda de batidas e invasões levadas a cabo com esse propósito. Eu fui sentenciado a dezoito meses de prisão por escrever esse livro. Catania, 14 July 1993

Alfredo M. Bonanno
Catania, 14 de julho de 1993

Capítulo XI

Em frente, todos! E com braços e coração, palavra e caneta, punhal e revólver, ironia e maldição, roubo, envenenamento e fogo posto, vamos declarar... guerra à sociedade... !...
Dejaque

Vamos pôr um ponto final na espera, nas dúvidas, nos sonhos de paz social, nos pequenos compromissos e na ingenuidade. Todo o lixo metafórico que nos é fornecido nas lojas do capitalismo. Vamos pôr de lado as grandes análises que explicam tudo até ao mais ínfimo pormenor. Enormes volumes carregados de senso comum e medo. Vamos pôr de lado ilusões democráticas e burguesas de discussão e diálogo, de debate e assembleia, e as iluminadas capacidades dos chefes mafiosos. Vamos pôr de lado a sabedoria que a burguesa ética do trabalho escavou nos nossos corações. Vamos pôr de lado os séculos de Cristandade que nos ensinaram o sacrifício e a obediência. Vamos pôr de lado padres, patrões, líderes revolucionários, líderes menos revolucionários e os que não são revolucionários de todo. Vamos pôr de lado números, ilusões de quantidade, as leis do mercado. Vamos nos sentar por momentos nas ruínas da história dos perseguidos, e refletir. O mundo não nos pertence. Se tem um amo que é estúpido o suficiente para o querer do modo como está, esse amo que fique com ele. Que conte as ruínas no lugar de edifícios, os cemitérios no lugar de cidades, a lama no lugar de rios, e o resíduo putrefato no lugar de mares. O maior espetáculo de magia do mundo não mais nos encanta. Estamos certos de que comunidades de prazer irão emergir da nossa luta, aqui e agora. E pela primeira vez, a vida triunfará sobre a morte.

Capítulo I

Na Paris de 1848, a revolução era um feriado sem um começo nem um fim.
Mikhail Bakunin

Por que catzo esta criançada maravilhosa atirou nas pernas de Montanelli?[1] Não teria sido melhor se tivessem atirado na boca? Claro que teria. Mas também teria sido mais pesado, vingativo e sombrio. Deixar aleijado um monstro daqueles parece ter um efeito mais profundo e significativo, que vai para além da vingança, para além de puni-lo pelo que é de sua responsabilidade, pelo jornalista fascista e lacaio patronal que ele é.

Deixá-lo aleijado obriga-o a mancar, faz com que ele se recorde. Além do mais, aleijar é algo mais divertido e agradável do que dar um tiro na boca, com pedaços de cérebro se espalhando através dos olhos.

O companheiro que se levanta todas as manhãs e pela neblina caminha até a sufocante atmosfera da fábrica, ou do escritório, apenas para ver as mesmas caras: o patrão, o relógio, o dedo-duro da momento, o stakhanovista-com-sete-filhos-para-criar[2], sente a necessidade de revolução, de luta e de confronto físico, ainda que mortal. Mas também quer dar a si mesmo alguma alegria imediata, neste exato momento. E alimenta

[1] Indro Montanelli, jornalista, correspondente de guerra, escritor e membro do partido fascista italiano que com seu "jornalismo" defendeu ações violentas levadas a cabo por forças reacionárias em diversas guerras. Foi expulso do sindicato dos jornalistas por sua "cobertura" da Guerra Civil Espanhola. Após escrever um artigo sobre Benito Mussolini e sua amante foi preso pelos nazistas, conseguindo escapar para a Suíça. Ao fim da guerra, retornou ao periódico "*Il Giornale*" no qual havia trabalhado anteriormente, adquirindo grande prestígio por defender posições conservadoras. Em 6 de fevereiro de 1977 enquanto caminhava até seu escritório em Milão Montanelli levou quatro tiros nas pernas e nos joelhos. O ataque foi levado a cabo por membros da Brigada Vermelha italiana, já que ele era o grande nome por trás de uma campanha contra as células revolucionárias naquele país.

[2] Termo derivado de Alexey Stakhanov, um mineiro russo elevado a garoto propaganda da eficiência trabalhista e econômica do regime soviético, após bater o recorde de produtividade em uma mina de carvão, retirando sozinho cento e duas toneladas de carvão em menos de seis horas.

esta alegria em suas fantasias enquanto caminha de cabeça baixa na neblina, gasta horas em ônibus ou trens, sufoca nas idas sem sentido ao escritório ou no meio dos inúteis parafusos que servem para manter juntos os inúteis mecanismos do capital.Prazer remunerado; fins-de-semana fora ou férias anuais pagas pelo patrão é como pagar para fazer amor. Parece a mesma coisa, mas há alguma coisa faltando.

Centenas de teorias jazem empilhadas em livros, panfletos e jornais revolucionários. Devemos fazer isto, fazer aquilo, ver as coisas desta ou daquela forma, como disse um ou outra, pois eles são os verdadeiros intérpretes destes ou daqueles que vieram antes deles, aqueles em letras capitais que preenchem os sufocantes volumes dos clássicos.

Mesmo a necessidade de mantê-los ao alcance da mão é tudo parte da liturgia. Não tê-los seria mau sinal, algo a se suspeitar. De qualquer forma é conveniente mantê-los a mão em qualquer ocasião. Sendo pesados eles podem sempre ser atirados no rosto de algum chato nonsense. Uma saudável confirmação nenhum pouco nova da validade dos textos revolucionários do passado (e do presente).

Jamais existe o que quer que seja sobre alegria nestes volumes. O convento em sua austeridade não possui algo invejável em relação à atmosfera respirável em seus tomos. Seus autores, os sacerdotes da revolução da vingança e da punição, passam o tempo pesando culpa e retribuição. Ainda mais; esta gente pura de calça jeans que fez um voto de sacrifício. Primeiro, abandonaram o ambiente confortável de sua classe de origem, e depois colocaram suas habilidades a serviço dos despossuídos. Cresceram com o hábito de usar palavras que não são as suas e de fumar um em uma mesa suja e em camas desarrumadas. Portanto, devemos ao menos ouvi-las.

Sonham com revoluções ordeiras, princípios desenhados com primor, anarquia sem turbulência. Se as coisas tomam um rumo diferente, começam a gritar provocações, berrando alto o suficiente para que a polícia os escolte.

Revolucionários são pessoas devotas, a revolução não é.

a experimentar prazer, mesmo que numa perspectiva não diretamente relacionada com o ataque ao capital, está mais desejoso de abraçar a significância do ataque, pelo menos mais do que aqueles que permanecem amarrados a uma visão desatualizada do confronto, baseada na ilusão da quantidade.

E, portanto, a coruja poderia, ainda assim, bater asas e voar.

dade reificada do capital. O alisar de opiniões é um processo terapêutico, uma máquina de morte. A produção não tem lugar sem este alisar na forma espetacular do capitalismo. E se a recusa de tudo isso, a escolha do prazer frente a morte, é um sinal de loucura, é tempo de toda a gente começar a perceber a armadilha que se esconde por detrás de tudo isto. O inteiro aparato da tradição cultural ocidental é uma máquina de morte, a negação da realidade, um reino dos fictícios que agregou todos os tipos de infâmia e injustiça, exploração e genocídio. Se a recusa desta lógica está condenada como loucura, então devemos distinguir entre loucura e loucura. O prazer está se armando. O seu ataque irá submeter a alucinação mercantil, o mecanismo, a vingança, o líder, o partido, a quantidade. A sua luta esta deitando abaixo a lógica do lucro, a arquitetura do mercado, a programação da vida, o último documento no último arquivo. A sua violenta explosão esta subvertendo a ordem de dependência, a nomenclatura de positivo e negativo, o código da ilusão mercantil. Mas tudo isto deve ser capaz de se comunicar. A passagem do mundo do prazer para o mundo da morte não é fácil. Os códigos estão desfasados e acabam por se aniquilar uns aos outros. O que é considerado ilusão no mundo do prazer é realidade no mundo da morte, e vice-versa. A morte física, uma grande preocupação no mundo da morte, é menos mortificante do que é propagado como vida. Daí a capacidade do capital para mistificar mensagens de prazer. Mesmo revolucionários da lógica quantitativa são incapazes de compreender a fundo experiências de prazer.

As vezes, hesitantes, fazem aproximações insignificantes. Outras vezes, deixam-se ir com condenação, não muito diferente a do capital.

No espetáculo das mercadorias, são os bens que contam. O elemento ativo desta massa acumulada é o trabalho. Nada pode ser simultaneamente positivo e negativo, no quadro da produção. É possível defender o não-trabalho, não a negação do trabalho mas a sua suspensão temporária. Do mesmo modo, é possível defender a não-mercadoria, o objeto personalizado, mas apenas no contexto de "tempo livre", ou seja, algo que é produzido como um hobby nos intervalos de tempo concedidos pelo ciclo produtivo. Neste sentido, está claro que estes conceitos, o não-trabalho e a não-mercadoria, são funcionais para o modelo geral de produção. Somente clarificando o significado do prazer e o respectivo significado da morte, como componentes de dois mundos opostos em luta um contra o outro, é que é possível comunicar elementos das ações de prazer sem nos iludirmos de que podemos comunicar todos eles. Alguém que comece

Capítulo II

Eu chamo um gato de gato
Boileau

Estamos todos preocupados com o problema revolucionário de como e o quê produzir, mas ninguém é capaz de dizer que produzir é um problema revolucionário. Se a produção é a raiz da exploração capitalista, mudar o modo de produção iria meramente mudar o modo de exploração.

Um gato, ainda que pintado de vermelho, continua sendo um gato. O produtor é sagrado. Afaste-se! Santifique o teu sacrifício em nome da revolução, e *les jeux son faits*. "E o que é que iremos comer?" perguntam as pessoas preocupadas. "Pão e cordas de violão" dizem os realistas, com um olho na panela e o outro em sua arma. "Ideias", declaram os idealistas confusos, com um olho no livro dos sonhos e o outro na espécie humana. Qualquer um que encoste na produtividade está feito.

O capitalismo e aqueles que o combatem se sentam lado a lado com o cadáver do produtor, mas a produção tem que continuar.

A crítica da economia política é uma racionalização do modo de produção com o mínimo esforço (da parte daqueles que contam com os benefícios de tudo). Todos os outros, aqueles que sofrem exploração, devem ter o cuidado de ver se não há nada faltando. De outra forma, como poderíamos viver? Quando sai para a luz, aquele que foi criado na escuridão nada vê, da mesma forma como quando anda a apalpar no escuro. O prazer o cega. O faz cerrar os olhos. Então diz que é uma alucinação e condena o prazer.

O flácido e gordo burguês se conforta, sentado em opulenta ociosidade. Portanto, o prazer é pecaminoso. Isso significaria compartilhar das mesmas sensações que a burguesia e trair ao proletariado produtivo.

Não seja por isso, o burguês vai muito além desse ponto para manter o processo de exploração funcionando. Ele também está estressado e nunca encontra tempo para o prazer. Suas viagens são ocasiões para no-

vos investimentos, Suas amantes podem ser agentes infiltradas por seus concorrentes para obter informações.

O deus da produtividade mata mesmo aos seus discípulos mais fiéis. Arranca as suas cabeças, irá derrubar nada menos do que um monte de lixo.

O desgraçado esfomeado guarda em si sentimentos de vingança ao ver os ricos rodeados pelo séquito de serviçais. Acima de tudo, o inimigo deve ser destruído. Mas salvem a pilhagem. A riqueza não deve ser destruída, deve ser usada. Não importando o que seja, que forma toma ou que possibilidades de aplicação permita. O que importa é arrancá-la de quem quer que a tenha naquela altura, para que todo mundo tenha acesso a ela.

Todo mundo? Claro, todo mundo.

E como isso poderá acontecer?

Com violência revolucionária.

Boa resposta. Mas realmente, o que é que vamos fazer depois que tivermos que cortar estas muitas cabeças das quais já estamos de saco cheio? O que faremos quando já não houver mais proprietários de terras para serem achados, mesmo que procuremos por eles com lanternas?

Então este será o reino da revolução. A cada um segundo as suas necessidades, de cada um segundo suas possibilidades.

Preste atenção, companheiro! Existe um cheiro de sacerdotes de livros e relatórios financeiros no ar. Estamos falando de consumo e produção. Tudo permanece ainda na dimensão da produtividade. A matemática te traz segurança. Dois mais dois são quatro. Quem questionaria esta "verdade"? Números comandam o mundo. Se eles o fizeram até agora, por que não seguiriam fazendo?

Todos nós precisamos de algo sólido e duradouro. Pedras para construir um muro para deter as forças que começam a se chocar contra nós. Todos nós precisamos de objetividade. O chefe jura sobre sua carteira, o agricultor sobre a enxada, o revolucionário sobre a arma. Deixe entrar algumas ondas de criticismo e toda a estrutura cai por terra.

Em sua pesada objetividade, o mundo da vida cotidiana nos condiciona e nos reproduz. Todos somos filhos da banalidade diária. Mesmo quando falamos sobre "coisas sérias" como a revolução, os nossos olhos continuam colados ao calendário. O chefe tem medo da revolução porque ela poderia privá-lo de sua riqueza, o agricultor a faria para obter um pedaço de terra, o revolucionário para por sua teoria em teste.

tronal das coisas, ou seja, os revolucionários, como praticamente doidos. Daí a necessidade de os colocar longe, em asilos mentais. As prisões estão também racionalizando, segundo o modelo alemão. Primeiro, transformarão em prisões especiais para revolucionários, depois em prisões modelos, depois em verdadeiros tubos de ensaio para manipulação cerebral, e finalmente, em asilos mentais. O comportamento do capital não é somente ditado pela necessidade de se proteger das lutas dos explorados. Ele é ditado pela lógica do código da produção de mercadorias. Para o capital, o asilo é um local onde a globalidade do funcionamento espetacular é interrompida. A prisão voa desesperadamente para fazer isto, mas sem sucesso, bloqueada como está pela sua ideologia básica de ortopedia social.

O "local" do asilo, pelo contrário, não tem um começo nem um fim, não tem história, não tem a mutabilidade do espetáculo. É o local do silêncio. O outro "local" do silêncio, o cemitério, tem a capacidade de se fazer ouvir. Os mortos falam. E os nossos mortos falam bem alto. Podem ser penosos, muito penosos. É por isso que o capital tentará ter cada vez menos deles. E o número de "convidados" em asilos aumentará proporcionalmente. A "terra-mãe do socialismo" tem muito a ensinar neste campo. O asilo é a perfeita racionalização terapêutica do tempo livre, a suspensão do trabalho sem dano para a estrutura mercantil.

Falta de produtividade sem a sua negação. O louco não tem de trabalhar e ao não fazer, ele confirma que o trabalho é sabedoria, o oposto da loucura. Quando dizemos que a hora não é oportuna para um ataque armado ao Estado, estamos a escancarar as portas do asilo mental para os companheiros que estão levando a cabo tais ataques; quando dizemos que não é altura para a revolução, estamos apertando os fechos do colete-de-forças: quando dizemos que estas ações são objetivamente uma provocação, nós vestimos as batas brancas dos torturadores.

Quando o número de opositores era insignificante, as balas de canhão eram eficazes. Uma dúzia de mortos tolera-se. Trinta mil, cem mil, duzentos mil, marcariam um ponto de viragem na história, um ponto de referência revolucionário, de tão ofuscante claridade que despedaçaria a pacífica harmonia do espetáculo mercantil. Além disso, o capital é mais habilidoso. As drogas têm uma neutralidade que as balas não possuem. Têm o álibi de serem terapêuticas.

Que o estatuto de loucura do capital lhe seja atirado à cara. A sociedade é um imenso asilo mental. Que os termos das contra-prisões sejam deitadas abaixo. A neutralização do indivíduo é prática corrente na totali-

Capítulo X

A coruja levanta voo
Provérbio ateniense

"A coruja levanta voo". Que as ações que começam mal possam chegar a bom desfecho. Que a revolução, começada por revolucionários há tanto tempo, possa ser realizada, ainda que haja um residual desejo por paz social. O capital dará a última palavra aos das batas brancas. As prisões não durarão muito tempo. As fortalezas de um passado que sobrevive apenas nas fantasias de um ou outro velho reacionário exaltado, desaparecerão juntamente com a ideologia baseada na ortopedia social. Não mais existirão condenados. A criminalização que o capital cria será racionalizada, será trabalhada em asilos.

Quando a totalidade da realidade é espetacular, recusar o espetáculo significa estar fora da realidade. Alguém que recuse o código das mercadorias é louco. A recusa de se curvar perante o deus mercantil resultará num internamento num asilo mental. Lá o tratamento será radical. Já sem torturas ao estilo da inquisição, ou sangue nas paredes; tais coisas transtornam a opinião pública. Fazem os sempre corretos intervir, dão origem a justificações e a fazer emendas e perturbam a harmonia do espetáculo. A completa aniquilação da personalidade, considerada a única cura radical para mentes doentes, não transtorna ninguém. Desde que o ser humano na rua sinta que está rodeado pela imperturbável atmosfera do espetáculo capitalista, irá se sentir a salvo das portas do asilo, sempre a se fecharem com força na sua cara. O mundo da loucura lhe parecerá estar noutro lugar qualquer, mesmo que haja sempre um asilo disponível ao lado de cada fábrica, em frente a cada escola, por detrás de cada pedaço de terra, no meio de cada conjunto de casas pré-fabricadas.

Na nossa obtusidade crítica temos de ter cuidado para não abrir caminho aos servos civis em batas brancas. O capital está programando um código de interpretação para circular em massa. Com base neste código, a opinião pública irá habituar-se a ver aqueles que atacam a ordem pa-

Se o problema for visto nestes termos, não existe diferença entre carteira, terra e teoria revolucionária. Todos esses objetos são bastante imaginários, simples espelhos da ilusão humana.

Apenas a luta é real.

Ela distingue patrão de agricultor e estabelece a ligação entre segundo e o revolucionário.

As formas de organização que a produção toma são veículos ideológicos para esconder a ilusória identidade individual. Esta identidade é projetada no conceito econômico ilusório "preço". Um código estabelece a sua interpretação. Os patrões controlam parte deste código, como vemos no consumismo. A tecnologia de guerra e tortura psicológicas e de repressão total rende também o seu tributo para fortalecer a ideia de que produzir é a condição para ser humano.

Outras partes do código podem ser modificadas. Não podem sofrer a mudança revolucionária mas são simplesmente ajustadas de tempos em tempos. Pense, por exemplo, no consumismo em massa que substituiu o consumismo de luxo com o passar dos anos.

Então há formas mais refinadas como o controle auto-administrado da produção. Outro componente do código de exploração. E por aí vai. Qualquer um que decida organizar minha vida para mim nunca será meu companheiro. Se eles tentarem justificar isso com a desculpa de que alguns tem que produzir ou, caso contrário, todos perderíamos a nossa identidade como seres humanos ao sermos submetidos pela "natureza indisciplinada e selvagem". lhes respondemos que a relação humanidade-natureza é produto da iluminada burguesia marxista. Por que quiseram eles transformar uma espada em um ancinho? Por que é que o humano tem constantemente que lutar para se distinguir da natureza?

Capítulo III

Homens, se não conseguem alcançar o que lhes é necessidade se cansam com futilidade.
Goethe

Os humanos precisam de coisas.

Tal "constatação" geralmente serve para dizer que humanos possuem necessidades as quais é obrigado a satisfazer.

Dessa forma, as pessoas são transformadas de unidades historicamente determinadas à uma dualidade (meio e fim simultaneamente). Eles percebem a si mesmos através da satisfação de suas necessidades (i.e. através do trabalho), tornam-se, portanto, o instrumento de sua própria realização.

Qualquer um pode ver o quanto de mitologia está disfarçada em "constatações" como esta. Se o homem distingue a si mesmo da natureza através do trabalho, como ele pode ser pleno na satisfação de suas necessidades? Para alcançá-la seria ele ainda um homem, capaz de saciar suas necessidades, significaria para ele não ter que trabalhar.

As mercadorias possuem um conteúdo profundamente simbólico. Elas tornam-se um ponto de referência, uma unidade de medida, um valor de troca. Começa o espetáculo. Os papéis são distribuídos e reproduzem eles próprios até o infinito. Os atores continuam a desempenhar seus papéis sem quaisquer modificações particulares.

A satisfação das necessidades torna-se nada mais do que um reflexo, um efeito marginal. O que importa é a transformação das pessoas em "coisas", e com elas tudo mais também. A natureza se torna uma "coisa". Usada, ela é corrompida, assim como os instintos vitais dos humanos. Um abismo se abre entre a natureza e os homens. Ele deve ser preenchido, e a expansão do mercado deseja preenchê-lo. O espetáculo se expande ao ponto de devorar ele próprio e até mesmo suas contradições. Palco e plateia encontram-se na mesma dimensão, ambicionando para eles mes-

especificamente, deve impedir a divisão de tarefas que o aspecto externo da produção capitalista lhe quer impor.

"Faça você mesmo". Não quebre o aspecto global do divertimento reduzindo-o a papéis. Defenda o teu direito de gozar a vida. Obstrua o projeto de morte do capital. Este ultimo pode apenas entrar no mundo da criatividade e do divertimento transformando quem está jogando num "jogador", o criador vivo numa pessoa morta, que se engana a si mesma ao acreditar que está viva. Não haveria mais sentido em falar sobre divertimento se o "mundo do divertimento" se tornasse centralizado. Devemos prever esta possibilidade de o capital tomar novamente a proposta revolucionária quando lançamos o nosso argumento de "prazer armado". E uma maneira em que isto poderia acontecer seria através da gestão do mundo do divertimento desde o exterior. Através do estabelecer de papéis dos jogadores e da mitologia do brinquedo. Ao quebrar os laços da centralização (do partido armado), obtém-se o resultado de confundir as ideias do capital, sintonizadas como estão para o código da produtividade espetacular do mercado quantitativo.

Não é nada. Algo sem objetivo preciso, desprovido de realidade. E é assim porque a essência, os objetivos e a realidade do capital são ilusórios, enquanto a essência, os objetivos e a realidade da revolução são concretos. O código da necessidade de comunismo toma o lugar do código da necessidade de produzir. Na luz desta necessidade, na comunidade do divertimento, as decisões da pessoa tornam-se significantes. A irreal personagem ilusória dos modelos da morte do passado é posta a descoberto. A destruição dos chefes significa a destruição das mercadorias, e a destruição das mercadorias significa a destruição dos chefes.

por si só são apenas ferramentas e, como tal, devem ser constantemente submetidas a avaliação crítica. É necessário desenvolver uma crítica das armas. Demasiadas vezes vimos a santificação da arma semiautomática e da eficiência militar. A luta armada não envolve armas apenas. Estas por si só não conseguem representar a dimensão revolucionária. É perigoso reduzir uma complexa realidade a uma só coisa. Na verdade, o divertimento envolve este risco. Ele pode fazer da experiência de viver nada mais do que um brinquedo, tornando-a em algo mágico e absoluto. Não é por acaso que a metralhadora aparece no simbolismo de muitas organizações revolucionárias militantes.

Devemos ir além disto, de forma a perceber o prazer como a profunda significância da luta revolucionária, escapando das ilusões e armadilhas da parte do espetáculo mercantil, através de objetos míticos e mistificados. O capital faz o seu derradeiro esforço quando confrontado com a luta armada. Empenha-se na sua última barreira. Precisa do apoio da opinião pública, de modo a atuar num campo onde não está muito seguro de si mesmo. E, por isso, desencadeia uma guerra psicológica, usando as mais refinadas armas de propaganda moderna. Basicamente, o modo como o capital está fisicamente organizado no presente faz dele vulnerável a qualquer estrutura revolucionária que seja capaz de decidir os seus próprios tempos e meios de ataque. Ele está bem consciente desta fraqueza e está tomando medidas para a compensar. A polícia não é suficiente. Nem mesmo o exército. Isto requer uma vigilância constante por parte das próprias pessoas.

Mesmo da mais humilde parte do proletariado. Assim, para fazer isto, ele tem de dividir a frente de classe. Ele tem de espalhar o mito do perigo das organizações armadas por entre os pobres; e, ao mesmo tempo, o mito da santidade do estado, da moralidade, da lei e por aí fora. Indiretamente, o capital empurra estas organizações e os seus militantes para assumir papéis específicos. Uma vez neste "papel", o divertimento deixa de ter qualquer significado. Tudo se torna "sério", logo, ilusório; o divertimento entra no domínio do espetacular e transforma-se numa mercadoria. O DIVERTIMENTO torna-se "máscara". O indivíduo torna-se anônimo, vive o seu papel, não mais capaz de distinguir entre aparência e realidade. Afim de nos libertarmos do círculo mágico das mercadorias teatrais, nós temos de recusar todos os papéis, incluindo o de revolucionário "profissional". A luta armada não deve deixar ser ela mesma algo profissional,

mos um nível mais elevado, mais distante, do mesmo espetáculo, daí em diante até o infinito.

Qualquer um que escape do código da mercadoria não se torna objetificado e desaba "fora" da área do espetáculo. Eles são apontados. São cercados por arame farpado. Se recusarem ao englobamento ou uma forma alternativa de codificação, são criminalizados. Obviamente só podem estar loucos! É proibido recusar o ilusório em um mundo que baseia a realidade na ilusão, o concreto no irreal.

O Capital gerencia o espetáculo de acordo com as leis da acumulação. Mas nada pode ser acumulado ao infinito. Nem mesmo o capital. Um processo quantitativo em absoluto é uma ilusão, uma ilusão quantitativa, para ser preciso. Os patrões percebem isto perfeitamente. A exploração adota diferentes formas e modelos ideológicos exatamente para assegurar esta acumulação em modos qualitativos, uma vez que não pode continuar no campo quantitativo indefinidamente.

O fato de que todo o processo se torna paradoxal e ilusório não interessa muito ao capital, porque é precisamente isso que segura as rédeas e faz as regras. Se precisar vender ilusão por realidade e isso gera dinheiro, então poderemos fazê-lo sem sombra de dúvida. São os explorados que pagam as contas. Por isso cabe a eles encarar a farsa e preocupar-se reconhecer o que é a realidade. Para o capital as coisas estão bem como estão, mesmo estando elas construídas sobre o maior espetáculo de negação do mundo.

Os explorados quase sentem saudades desta fraude. Foram criados acostumados as suas correntes e passaram a estar ligados a elas. Por vezes fantasiam com levantes fascinantes e banhos de sangue, logo depois se deixam levar pelos discursos dos novos líderes políticos. O partido revolucionário estende a perspectiva ilusória do capital até horizontes que nunca poderia ter alcançado sozinho. A ilusão quantitativa se espalha.

Os explorados se juntam, contam a si próprios, esboçam suas conclusões. Palavras de ordem ferozes fazem os corações burgueses palpitar. Quanto maior o número, mais os líderes de forma arrogante se impõem e mais exigentes eles se tornam. Delineiam grandes agendas para a conquista do poder. Este novo poder prepara-se para se espalhar sobre os restos do velho. O fantasma de Bonaparte sorri de satisfação.

É claro, mudanças profundas estão sendo programadas no código das ilusões. Mas tudo deve ser submetido ao símbolo da acumulação quantitativa. As exigências da revolução aumentam a medida que as forças mili-

tantes crescem. Da mesma forma a taxa do lucro social que está tomando o lugar do lucro privado precisa crescer. Então o capital entra numa nova e ilusória fase espetacular. Velhas necessidades insistentemente pressionam os novos rótulos. O deus da produtividade continua a reinar, sem concorrência.

Como é bom contar a nós mesmos. Nos faz sentir fortes. Os sindicatos contam a si próprios. Os partidos contam a si próprios. Os patrões contam a si próprios. Assim como nós. Como pétalas de rosas. E quando paramos de contar tentamos assegurar que as coisas ficam como estão. Se a mudança não puder ser evitada, iremos trazê-la sem perturbar ninguém. Os fantasmas são facilmente acordados. De tempos em tempos a política toma a dianteira. O capital muitas vezes inventa soluções geniais. Então a paz social nos atinge. O silêncio do cemitério. A ilusão se espalha de tal maneira que o espetáculo absorve quase todas as forças disponíveis. Nem um som. Então os defeitos e a monotonia da mise en scène (preparação do cenário). A cortina ergue-se em situações imprevistas. A máquina capitalista começa a vacilar. O envolvimento revolucionário é redescoberto. Aconteceu em '68. Os olhos de todos quase saltaram as órbitas. Toda a gente extremamente feroz. Folhetos em todo o lado. Montanhas de folhetos e panfletos e jornais e livros. Velhas diferenças ideológicas alinhadas como soldados em lata. Até os anarquistas se redescobriram. E fizeramno historicamente, de acordo com as necessidades do momento. Toda a gente estava com o espírito bastante estúpido. os anarquistas também. Algumas pessoas acordaram do seu repouso espetacular e, procurando por espaço e ar para respirar, vendo anarquistas, disseram a si mesmas, "pelo menos estam aqui as pessoas com quem eu quero estar". Cedo perceberam seu erro. As coisas não correram como deviam também nessa direção. Nisso, também, estupidez e espetáculo. E por isso elas fugiram. Fecharam-se em si mesmas. Despedaçaram-se. Aceitaram o jogo do capital. E se não aceitassem eram banidas, mesmo pelos anarquistas. A máquina de '68 produziu os melhores servos civis do Estado novo-tecnológico-sem-burocracia.

Mas produziu também os seus anticorpos. O processo de ilusão quantitativa passou a ser evidente. Por um lado recebeu sangue fresco para construir uma nova visão do espetáculo mercantil, no outro houve uma falha. Tornou-se ruidosamente óbvio que o confronto ao nível da produção é ineficaz. Tomem as fábricas, e os campos, e as escolas, e os bairros e auto-gestionem-os, proclamavam os antigos anarquistas revolucionários. Destruiremos o poder em todas as suas formas, acrescentaram. Mas sem

que o governa desde cima. Ele divide-se em milhares de significados, todos produtivos e instáveis. As ligações internas do divertimento descobrem-se a si mesmas na ação de ataque. Mas o sentido global mantêm-se, o significado que o divertimento tem para aqueles que são excluídos e que querem apropriar-se dele. Aqueles que decidem, primeiro que tudo, se divertir, e aqueles que "observam" as consequências libertadoras do jogo, são essenciais ao próprio jogo. A comunidade do prazer está estruturada desta forma. É uma forma espontânea de entrar em contato, fundamental para a realização do mais profundo significado do divertimento. O divertimento é um ato comunitário. Raramente se apresenta como um fato isolado. Se o faz, muitas vezes contém os elementos negativos da repressão psicológica; não é uma aceitação positiva do divertimento como momento de luta criativo. É o sentido comunitário do divertimento que evita a arbitrariedade na escolha da significância dada ao próprio jogo. Na ausência de uma relação comunitária, a pessoa poderia impor as suas próprias regras e significados, que seriam incompreensíveis para todas as outras, simplesmente tornando o divertimento numa suspensão temporária das consequências negativas dos seus problemas individuais (os problemas do trabalho, da alienação, da exploração).

No acordo comunitário, o divertimento é enriquecido por um fluxo de ações recíprocas. A criatividade é maior quando advém de imaginações libertadas reciprocamente verificadas.

Cada nova invenção, cada nova possibilidade, pode ser vivida coletivamente sem modelos pré-constituídos, e ter uma influência vital, mesmo sendo apenas um momento criativo, mesmo que se depare com mil dificuldades durante a sua realização. Uma tradicional organização revolucionária acaba por impor os seus técnicos. Tende inevitavelmente para a tecnocracia.

A grande importância dada ao aspecto mecânico da ação a condena ao longo deste caminho. Uma estrutura revolucionária que procura o momento de prazer na ação levada a cabo com o objetivo de destruir o poder, considera as ferramentas usadas para alcançar esta destruição apenas isso, meios. Aqueles que usam estas ferramentas não devem tornar-se escravos delas.

Assim como aqueles que não as sabem usar não se devem tornar escravos dos que o sabem. A ditadura da ferramenta é o pior tipo de ditadura. As armas mais importantes dos revolucionários são a sua determinação, a sua consciência, a sua decisão de agir, a sua individualidade. As armas

Capítulo IX

Do it yourself. / Faça você mesmo
Manual "Bricoleur"

É fácil. Pode fazer você mesmo. Sozinho ou com alguns companheiros de confiança. Não são necessários meios complicados. Nem mesmo grande conhecimento técnico. O capital é vulnerável. Tudo o que precisa é estar decidido. Uma data de conversa nos tornou obtusos.

Não é uma questão de medo. Nós não estamos com medo, apenas estupidamente cheios de ideias pré-fabricadas, das quais não nos conseguimos libertar. Alguém que esteja disposto a levar a cabo a sua ação não é uma pessoa corajosa. É simplesmente alguém que clareou as suas ideias, que percebeu que não faz sentido fazer tamanho esforço para representar a parte que lhe foi incumbida pelo capital nesta performance. Completamente consciente, essa pessoa ataca com uma calma determinação. E, ao fazê-lo, realiza-se como ser humano. Mesmo que crie destruição e terror aos patrões, no seu coração e nos corações dos explorados existe prazer e calma. As organizações revolucionárias têm dificuldade em perceber isto. Elas impõem um modelo que reproduz a realidade da produção. O destino quantitativo desta impede-as de obter qualquer movimento qualitativo para o nível da dimensão estética do prazer.

Estas organizações veem também o ataque armado de um ponto de vista puramente quantitativo. Os objetivos são decididos em termos de um confronto frontal. Desse modo, o capital é capaz de controlar qualquer emergência. Pode até dar-se ao luxo de aceitar as contradições, de se focar em objetivos espetaculares, de explorar os efeitos negativos nos produtores de forma a alargar o espetáculo. O capital aceita o confronto no campo quantitativo, pois é aí que ele conhece todas as respostas. Tem um monopólio das regras e produz ele mesmo as soluções.

Pelo contrário, o prazer do ato revolucionário é contagiante. Espalha-se como uma mancha de óleo. O divertimento ganha significado quando atua na realidade. Mas este significado não está cristalizado num modelo

chegar às raízes do problema. Embora conscientes da sua gravidade e extensão, preferiam ignorá-lo, soprando as suas esperanças na espontaneidade criativa da revolução. Mas entretanto queriam manter o controle da produção. O que quer que aconteça, quaisquer que sejam as formas criativas que a revolução possa expressar, nós devemos tomar os meios de produção, insistiam eles. Caso contrário, o inimigo irá nos derrotar nesse nível. Portanto começaram a aceitar todos os tipos de compromisso. Acabaram criando outro, ainda mais macabro, espetáculo. E a ilusão espetacular tem as suas próprias regras. Qualquer pessoa que a queira dirigir tem que as suportar. Devem conhecer e aplicá-las, jurar por elas. A primeira é que a produção afeta tudo. Se tu não produzes não és humano, a revolução não é para ti. Por que devíamos nós tolerar parasitas? Devíamos ir para o trabalho em vez deles, talvez? Devíamos olhar para o seu modo de vida assim como para o nosso? Além disso, não iriam todas estas pessoas com idéias vagas e a reclamação de fazerem o que bem entenderem tornarem-se "objetivamente" úteis para a contra-revolução? Bem, nesse caso é melhor atacálas imediatamente. Nós sabemos quem são os nossos aliados, quem queremos ao nosso lado. Se queremos assustar, então vamos fazê-lo todos juntos; organizados e em perfeita ordem; e que ninguém ponha os pés em cima da mesa ou deixe as calças em baixo. Vamos organizar as nossas organizações específicas. Treinar militantes que sabem as técnicas de luta no lugar de produção. Os produtores farão a revolução, nós apenas estaremos lá para nos certificarmos que não fazem nenhum disparate. Não, está tudo errado. Como seremos capazes de evitar que cometam erros? No nível espetacular de organização há alguns capazes de fazer bem mais barulho do que nós. E eles têm de poupar fôlego. Luta no local de trabalho. Luta pela defesa de empregos. Luta pela produção. Quando sairemos nós deste círculo? Quando pararemos nós de morder as nossas caudas?

Capítulo IV

O homem desfigurado encontra sempre espelhos que o faz perfeito.
de Sade

Que loucura é o amor ao trabalho!

Com grande habilidade cênica, o capital teve sucesso em fazer os explorados amar a exploração, o enforcado a corda e o escravo as suas correntes. Esta idealização do trabalho tem sido a morte da revolução até agora. O movimento dos explorados tem sido corrompido pela moralidade burguesa da produção, a qual não só lhe é estranha, mas também oposta. Não é por acaso que os sindicatos tenham sido o primeiro setor a ser corrompido, precisamente devido a sua proximidade com gestão do espetáculo da produção. É tempo de opor a estética do não-trabalho a ética do trabalho. Devemos fazer frente a satisfação das necessidades espetaculares impostas pela sociedade de consumo com a satisfação das necessidades naturais da pessoa, vistas a luz da necessidade primária e essencial: a necessidade de comunismo.

Deste modo a avaliação quantitativa das necessidades é deitada abaixo. A necessidade de comunismo transforma todas as outras necessidades e respectivas pressões no ser humano. A pobreza da pessoa, a consequência da exploração, tem sido vista como a base da redenção futura. O cristianismo e os movimentos evolucionários têm andado de mãos dadas através da história. Devemos sofrer para conquistar o paraíso ou para adquirir a consciência de classe que nos conduzirá a revolução. Sem a ética do trabalho, a noção marxista de "proletariado" não faria sentido. Mas a ética do trabalho é produto do mesmo racionalismo burguês que permitiu a burguesia conquistar poder.

O corporativismo vem a superfície através da armadilha do internacionalismo proletário. Toda a gente se bate dentro do seu setor. No máximo contatam os seus semelhantes em outros países, através dos sindicatos. As monolíticas multinacionais são opostas por monolíticos sindicatos in-

sório do capital (o espetáculo mercantil) deve ser substituído pelo jogo verdadeiro do ataque armado contra ele, pela destruição do irreal e do espetáculo.

fronto não se torna uma questão de aritmética. Não se está programando uma visão da relação entre movimento revolucionário e exploradores. Se está respondendo, no nível imediato, a uma necessidade que se tornou estruturada no seio do movimento revolucionário, uma necessidade que nenhuma análise e justificação deste mundo teria tido sucesso em impor por si só. Esta necessidade é o ataque ao inimigo, aos exploradores e aos seus servos.

Amadurece lentamente dentro das estruturas do movimento. Apenas quando sai para fora é que o movimento passa da fase defensiva para o ataque.

Análise e justificação moral estão rio acima, na fonte, e não rio abaixo, aos pés daqueles que saem as ruas, posicionadas para faze-los tropeçar. Análise e justificação moral existem nos séculos de violência sistemática que o capital tem exercido nos explorados. Mas não saltam necessariamente a vista, numa forma completa e pronta para usar. Isso seria uma nova racionalização de intenções, o nosso sonho de impor um modelo na realidade que não lhe pertence. Vamos fazer estes Cossacos virem abaixo. Nós não apoiamos o papel da reação, isso não é para nós. Nos recusamos a aceitar o convite ambíguo do capital. Em vez de atirar nos nossos companheiros ou uns nos outros, é sempre melhor alvejar policiais. Há alturas na história em que a ciência existe na consciência daqueles que estão em luta. Em tais alturas não há necessidade de intérpretes da verdade. Ela emerge das coisas como elas são. É a realidade da luta que produz teoria. O nascimento do mercado de bens marcou a formação do capital, a passagem de formas feudais de produção para a capitalista. Com a entrada da produção na sua fase espetacular, a forma de mercadoria estendeu-se a tudo que existe: amor, ciência, sentimentos, consciência, etc. O espetáculo alargou-se. A segunda fase não constitui, como defendem os marxistas, uma corrupção da primeira. Ela é uma fase completamente nova. O capital devora tudo, até a revolução. Se esta não rompe com o modelo da produção, se meramente reclama impor formas alternativas, o capitalismo irá engoli-la dentro do espetáculo mercantil. Apenas a luta não pode ser engolida. Algumas das suas formas, cristalizando-se em entidades organizacionais específicas, podem acabar sendo arrastadas para o espetáculo. Mas quando elas rompem e saem da significância profunda que o capital dá a produção, isso torna-se extremamente difícil.

Na segunda fase, questões de aritmética e vingança não fazem sentido. Se forem mencionadas, tomam uma significância metafórica. O jogo ilu-

ternacionais. Vamos lá fazer a revolução mas salvem a máquina, a ferramenta de trabalho, esse objeto mítico que reproduz a histórica virtude da burguesia, agora nas mãos do proletariado. O herdeiro da revolução está destinado a tornar-se o consumidor e ator principal do espetáculo capitalista de amanhã. Idealizada ao nível do conflito como beneficiária do seu resultado, a classe revolucionária desaparece na idealização da produção. Quando os explorados se vêm fechados numa classe, todos os elementos do espetacular já existem, tal como existem para a classe dos exploradores. A única maneira de os explorados escaparem do projeto globalizador do capital é através da recusa do trabalho, da produção e da economia política. Mas recusa do trabalho não deve ser confundida com "falta de trabalho", numa sociedade que está baseada nesta, os marginalizados procuram trabalho. Não o encontram. São empurrados para guetos. São criminalizados. Então tudo isso se torna parte da gestão do espetáculo produtivo como um todo. Produtores e desempregados são igualmente indispensáveis ao capital. Mas o equilíbrio é delicado. As contradições explodem e produzem vários tipos de crise, e é neste contexto que a intervenção revolucionária toma lugar. Assim, a recusa do trabalho, a destruição do trabalho, é uma afirmação da necessidade de não-trabalho. A afirmação de que a pessoa consegue reproduzir e objetivar a si própria no não-trabalho através das várias solicitações que isto lhe estimula. A ideia de destruir o trabalho é absurda se for vista do ponto de vista da ética do trabalho. Mas como? Tantas pessoas a procura de trabalho, tantos desempregados, e vem me falar de destruir o trabalho? O fantasma Luddita aparece e aterroriza todos os revolucionários-que-leram-todos-os-clássicos. O rígido modelo do ataque frontal contra as forças capitalistas não deve ser tocado. Todos os fracassos e sofrimento do passado são irrelevantes; assim, é a vergonha e a traição. Adiante companheiros, melhores dias virão, adiante outra vez! Seria suficiente mostrar que o conceito de "tempo livre", uma suspensão temporária do trabalho, está enterrado hoje em dia, para assustar de volta os proletários para a atmosfera estagnante das organizações de classe (partidos, sindicatos e lambe-botas). O espetáculo oferecido pelas burocráticas organizações de descanso é deliberadamente desenhado para deprimir mesmo as mais férteis imaginações. Mas isto não é mais do que uma capa ideológica; um dos muitos instrumentos da guerra total que constituem o espectáculo num todo.

A necessidade de comunismo transforma tudo. Através da necessidade de comunismo a necessidade de não-trabalho move-se do aspecto

negativo (oposição ao trabalho) para o positivo: a completa disponibilidade das pessoas para si próprias, a possibilidade de se expressarem de modo absolutamente livre; soltando-se de todos os modelos, mesmo aqueles considerados fundamentais e indispensáveis como os da produção. Mas os revolucionários são pessoas obedientes e têm medo de romper com todos os modelos, incluindo o da revolução, que constitui um obstáculo a completa realização do que o conceito significa. Têm medo de se encontrarem sem um papel na vida. Alguma vez conheceste um revolucionário sem um projeto revolucionário? Um projeto que está bem definido e claramente apresentado as massas? Que tipo de revolucionário seria aquele que exigisse a destruição do modelo, do embrulho, dos próprios princípios da revolução? Ao atacar conceitos como quantificação, classe, projeto, modelo, papel histórico e outras coisas velhas deste tipo, correria o risco de não ter nada para fazer, de se ver obrigado a agir na realidade, modestamente, como toda as pessoas. Como milhões de outros que estão a construir a revolução dia a dia sem esperar por sinais de um prazo limite. E para fazer isto tu precisas de coragem. Com modelos rígidos e joguinhos quantitativos permaneces no domínio do irreal, do projeto ilusório da revolução, uma amplificação do espetáculo do capital. Ao abolir a ética da produção entra diretamente na realidade revolucionária. Até falar sobre estas coisas é difícil, pois não faz sentido mencioná-las nas páginas de uma dissertação. Reduzir estes problemas a uma análise final e completa seria errar o alvo. O melhor seria uma discussão informal capaz de fomentar a sutil magia do jogo de palavras. É uma verdadeira contradição falar de prazer seriamente.

Capítulo VIII

Não haverá revolução até que os Cossacos desçam a terra.
Coeurderoy

O divertimento é também enigmático e contraditório na lógica do capital, que o usa como parte do espetáculo mercantil. Adquire uma ambiguidade que não possui em si mesmo. Esta ambiguidade advém da estrutura ilusória da produção capitalista. Deste modo, o jogo torna-se simplesmente uma suspensão da produção, um parêntesis de "paz" no quotidiano. Assim, o divertimento torna-se programado e usado em cena. Quando está fora do domínio do capital, o divertimento é harmoniosamente estruturado pelo seu próprio impulso criativo; não está ligado a esta ou aquela performance requerida pelas forças do mundo da produção, desenvolve-se de forma autônoma. É apenas nesta realidade que o divertimento é alegre, que oferece prazer. Não "suspende" a infelicidade da dilaceração causada pela exploração, mas realiza-o até ao fim, fazendo-o tornar-se um participante na realidade da vida. Deste modo, ele opõe-se as artimanhas colocadas em ato pela realidade da morte - mesmo através do divertimento - para tornar a obscuridade menos obscura.

Os destruidores da realidade da morte estão lutando contra o reinado mítico da ilusão capitalista, um reinado que embora aspire a eternidade, rebola na poeira das contingências.

O prazer emerge do divertimento da ação destrutiva, do reconhecimento da profunda tragédia que isto implica e de uma consciência da força de entusiasmo, capaz de matar as conspirações da morte. Não é uma questão de opor o horror com horror, a tragédia com tragédia, a morte com morte. É uma confrontação entre prazer e horror, prazer e tragédia, prazer e morte. Para matar um policial não é necessário vestir as vestes do juiz, apressadamente purificadas do sangue de condenações prévias. Tribunais e condenações são sempre partes do espetáculo do capital, mesmo quando são revolucionários que as desempenham. Quando um policial é morto, a sua responsabilidade não é medida nas escalas, o con-

controle, deve ter havido uma provocação. Depressa, companheiro, alveja a polícia, o juiz, o patrão. Agora; antes que uma nova polícia te impeça.

Apressa-te a dizer Não, antes que a nova repressão te convença que não vale a pena dizer não, que é loucura, e que devia aceitar a hospitalidade do asilo mental.

Apressa-te a atacar o capital, antes que uma nova ideologia o torne sagrado para ti.

Apressa-te a recusar o trabalho, antes que algum novo sofista te diga novamente que "o trabalho liberta".

Apressa-te a se divertir.

Apressa-te a te armar.

Capítulo V

> *As noites de verão são árduas. Dorme-se mal em quartos pequenos.* É a Noite da Guilhotina.
> Zo d'Axa

Os explorados também encontram tempo para se divertir. Mas o seu divertimento não é prazer.

É um ritual macabro. Uma morte lenta. Uma suspensão do trabalho com o objetivo de aliviar a pressão da violência acumulada durante a atividade de produção. No mundo ilusório das mercadorias, o divertimento é também uma ilusão. Imaginamos que estamos brincando, quando o que estamos realmente fazendo é repetir monotonamente os papéis que nos foram atribuídos pelo capital. Quando ficamos conscientes do processo de exploração, a primeira coisa que sentimos é um desejo de vingança, a última é prazer. A libertação é vista como a reposição de um equilíbrio que tinha sido abalado pela perversidade do capitalismo, não como a vinda de um mundo de divertimento que vem ocupar o lugar do mundo de trabalho. Esta é a primeira fase do ataque aos chefes. A fase de consciência imediata. O que nos fere são as correntes, o chicote, os muros das prisões, as barreiras sexuais e raciais. Tudo deve vir abaixo. Assim, nos armamos e ferimos o adversário, para fazer pagar pela sua responsabilidade. Durante a noite da guilhotina as bases para um novo espetáculo são colocadas. O capital recupera força: primeiro as cabeças dos chefes caem, depois as dos revolucionários. É impossível fazer a revolução apenas com a guilhotina. A vingança é a antecâmara do poder.

Qualquer pessoa que queira se vingar requer um líder. Um líder que os conduza a vitória e reponha a justiça ferida. E quem quer que seja que grite por vingança quer ficar na posse daquilo que lhe foi retirado. Direitos a abstração suprema, a apropriação dos excedentes. O mundo do futuro deve ser um em que toda as pessoas trabalhem. Ótimo! Assim teremos imposto a escravidão a todas as pessoas, com a exceção daqueles que a fazem funcionar e que, precisamente por isso, se tornam os novos pa-

trões. Aconteça o que acontecer, os chefes devem "pagar" pelos seus erros. Muito bem! "Carregaremos" a ética Cristã do pecado, julgamento e correção para a revolução. Assim como os conceitos de "dívida" e "pagamento", claramente de origens mercantis. Tudo isso é parte do espetáculo. Mesmo quando ele não é gerido pelo poder diretamente, pode facilmente ser monopolizado. A inversão de papéis é uma das técnicas de teatro. Talvez seja necessário atacar usando as armas da vingança e castigo num dado momento na luta de classes. O movimento pode não possuir quaisquer outras. Deste modo esse será o momento da guilhotina. Mas os revolucionários devem estar conscientes das limitações de tais armas. Não se devem iludir a si mesmos nem a outros. Dentro do quadro paranóico de uma máquina racionalizadora como o capitalismo, o conceito da revolução da vingança pode até tornar-se parte do espetáculo, visto que ele se adapta constantemente. O movimento de produção parece surgir graças a bênção da ciência econômica, mas na realidade é baseado na antropologia ilusória da separação de tarefas. Não há prazer no trabalho, mesmo que ele seja autogestionado. A revolução não pode ser reduzida a uma simples reorganização do trabalho. Não somente a isso. Não há prazer no sacrifício, na morte e na vingança. Tal como não há prazer em nos contarmos. A aritmética é a negação do prazer.

Qualquer pessoa que deseje viver não produz morte. Uma aceitação provisória da guilhotina conduz a sua institucionalização. Mas ao mesmo tempo, qualquer pessoa que ame a vida não abraça o seu explorador. Isso significaria que é contra a vida em benefício do sacrifício, da autopunição, do trabalho e da morte. No cemitério do trabalho, séculos de exploração acumularam uma grande montanha de vingança. Os líderes da revolução sentam-se no topo desta montanha, impassivelmente. Estudam a melhor maneira de obter lucro dela. Assim, a espora da vingança deve ser direcionada contra os interesses da nova casta no poder. Símbolos e bandeiras. Slogans e análises complexas. O aparato ideológico faz tudo o que é necessário.

É a ética do trabalho que torna isto possível. Alguém que se delicie no trabalho e queira tomar os meios de produção não quer que as coisas vão em frente cegamente. Eles sabem por experiência que os patrões tiveram uma forte organização do seu lado de modo a fazer a exploração funcionar. Eles pensam que uma semelhante organização forte e perfeita fará a libertação possível. Faz tudo ao teu alcance; a produtividade deve ser salva a todo o custo. Que embuste. A ética do trabalho é a ética Cristã

que recuse tal realidade é anti-histórico, antiprogressista e anticientífico. Condenado sem recurso. Fortalecidos por esta armadura ideológica, vamos para as ruas. Aqui nos lançamos na realidade de uma luta que está estruturada de maneira bem diferente, por estímulos que não entram no quadro da nossa análise. Numa bela manhã, durante uma manifestação pacífica, a polícia começa a disparar. A estrutura reage, companheiros disparam também, policiais caem. Maldição! Era uma manifestação pacífica. Para que tivesse degenerado em ações individuais de guerrilha tem que ter havido uma provocação. Nada pode ir além do perfeito quadro da nossa organização ideológica pois ela não é apenas uma "parte" da realidade, ela é "toda" a realidade. Qualquer coisa para além dela é loucura e provocação. Supermercados são destruídos, lojas, armazéns de comida e de armas são pilhados, carros de luxo são queimados. É um ataque ao espetáculo mercantil na sua mais notável forma. As novas estruturas estão se movendo nessa direção. Tomam forma de repente, apenas com a mínima orientação estratégica necessária. Sem frescuras, sem longas premissas analíticas, sem complexas teorias de suporte. Elas atacam. Companheiros identificam-se com estas estruturas. Rejeitam as organizações que dão poder, equilíbrio, espera, morte. A sua ação é uma crítica das suicidas posições de esperar-para-ver destas organizações. Maldição! Deve ter havido uma provocação.

Há uma fuga dos tradicionais modelos políticos que se torna uma crítica do próprio movimento. A ironia torna-se uma arma. Não encerrada num estudo de um escritor, mas em massa, nas ruas. Não apenas os servos dos patrões, mas também os líderes revolucionários se encontram em dificuldades, como resultado disso. A mentalidade do desnecessário chefe e grupo de liderança é também posta em crise. Maldição! A única crítica legítima é aquela contra os patrões, e deve concordar com as regras ditadas pela tradição histórica da luta de classes. Quem quer que se desencaminhe do seminário é um provocador. As pessoas estão fartas de reuniões, das marchas clássicas, sem sentido, de discussões teóricas que metem os cabelos em pé, de distinções sem fim, da monotonia e pobreza de certas análises políticas. Elas preferem fazer amor, fumar, ouvir música, passear, dormir, rir, brincar, matar policiais, estropiar jornalistas, matar juízes, explodir quartéis.

Maldição! A luta só é legítima quando é compreensível para os líderes da revolução. Senão, havendo o risco de que a situação possa fugir ao seu

na dimensão desta sociedade, e tal significado favorece a perpetuação do poder. Quando olha para as coisas de um ponto de vista revolucionário, isto é, a completa e definitiva eliminação de todo o poder, estas categorias perdem o sentido. Ao nos movermos para parte alguma da utopia, contrariando a ética do trabalho, transformando-a no aqui e agora, no prazer em realização, nos encontramos numa estrutura que está longe das formas históricas de organização. Esta estrutura muda constantemente e, portanto, escapa a cristalização. É caracterizada pela auto-organização da luta contra o trabalho. Não a tomada dos meios de produção, mas a recusa da produção, através de formas organizacionais que estão constantemente a mudar. O mesmo está acontecendo com os desempregados e os trabalhadores casuais. Estimuladas pelo tédio e pela alienação, estruturas emergem na base da auto-organização.

A introdução de objetivos programados e impostos por uma organização exterior iria matar o movimento e consigná-lo ao espetáculo mercantil. A maior parte de nós está ligada a esta ideia de organização revolucionária. Mesmo os anarquistas, que recusam a organização autoritária, não a desprezam. Nesta base, todos aceitamos a ideia de que a contraditória realidade do capital pode ser atacada com meios semelhantes. Fazemos isto porque estamos convencidos que estes meios são legítimos, surgindo do mesmo campo de luta que o capital. Recusamos admitir que nem toda a gente vê as coisas da mesma maneira que nós. A nossa teoria é idêntica a prática e estratégia das nossas organizações. As diferenças entre os autoritários e nós são muitas; mas todas elas caem perante uma fé comum na organização histórica. A anarquia será alcançada através do trabalho destas organizações (diferenças substanciais apenas aparecem nos métodos de abordagem). Mas esta fé indica algo muito importante: a reivindicação da nossa cultura totalmente racionalista de explicar a realidade em termos progressistas. Esta cultura baseia-se na ideia de que a história é irreversível, assim como na capacidade analítica da ciência. Tudo isto nos faz ver o presente como a altura em que todos os esforços do passado encontram o ponto culminante da luta contra os poderes das trevas (a exploração capitalista). Consequentemente, estamos convencidos que somos mais avançados que os nossos antecessores, capazes de elaborar e colocar em prática teorias e estratégias organizacionais que são a soma de todas as experiências do passado. Todos os que rejeitam esta interpretação encontram-se automaticamente do outro lado da realidade, que é, por definição, história, progresso, e ciência. Quem quer

do sacrifício, a ética dos patrões graças a qual os massacres da história se sucederam uns aos outros com preocupante regularidade. Esta gente não consegue compreender que seria possível não produzir excedentes, e que uma pessoa se podia também recusar a fazê-lo. Que é possível defender a vontade de alguém para não produzir, e assim lutando contra ambas as estruturas econômica e ideológica dos patrões, que penetram a totalidade do pensamento ocidental. É essencial perceber que a ética do trabalho é a base do projeto revolucionário quantitativo. Argumentos contra o trabalho não fariam sentido se fossem feitos por organizações revolucionárias com a sua lógica de crescimento quantitativo. A substituição da ética do trabalho pela estética do prazer não significaria um fim da vida, como tantos preocupados companheiros entendem. A pergunta "o que vamos comer?" alguem poderia simplesmente responder "o que produzirmos". Só que a produção não mais seria a dimensão na qual o humano se determina, pois isso aconteceria na esfera do divertimento e do prazer.

Uma pessoa poderia produzir como algo separado da natureza, e então juntarmo-nos a ela como algo que é a natureza em si mesmo. Portanto, seria possível parar a produção a qualquer momento, quando já houvesse o suficiente. Apenas o prazer será incontrolável. Uma força desconhecida das larvas civilizadas que povoam a nossa era. Uma força que irá multiplicar o impulso criativo da revolução um milhar de vezes. A riqueza social do mundo comunista não é medida numa acumulação de excedentes, mesmo que passe a ser gerida por uma minoria que se autodenomina o partido do proletariado. Esta situação reproduz o poder e nega a própria essência de anarquia. A riqueza social comunista advém do potencial de vida que aparece após a revolução. A acumulação qualitativa, não quantitativa, deve substituir a acumulação capitalista. A revolução da vida toma o lugar da revolução meramente econômica, o potencial produtivo toma o lugar da produção cristalizada, o prazer toma o lugar do espetáculo. A recusa do mercado espetacular de ilusões capitalistas criará outro tipo de troca. De uma troca quantitativa fictícia a uma realmente qualitativa. A circulação de bens não se irá basear em objetos nem na sua ilusionista reificação, mas no significado que os objetos têm para a vida. E este deve ser um significado de vida, não de morte. Assim, estes objetos serão limitados ao preciso momento em que são trocados, e a sua significação irá variar de acordo com as situações em que isto toma lugar. O mesmo objeto poderia ter "valores" profundamente diferentes. Será personificado. Nada a ver com a produção como a conhecemos hoje, na dimensão do

capital. A própria troca terá um significado diferente quando for vista através da recusa de produção ilimitada. O trabalho libertado não existe. O trabalho integrado (manual-intelectual) não existe. O que existe é a divisão do trabalho e a venda da força de trabalho, i.e., o mundo capitalista da produção. A revolução é a negação do trabalho e a afirmação do prazer. Qualquer tentativa de imposição da ideia de trabalho, de "trabalho justo", de trabalho sem exploração, de trabalho "auto-gestionado", onde é suposto os explorados reapropriarem-se totalmente do processo produtivo sem exploração, é uma mistificação. O conceito da auto-gestão da produção é válido apenas como forma de luta contra o capitalismo, na verdade não pode ser separado da ideia de auto-gestão da luta. Se a luta for extinta, a auto-gestão torna-se nada mais do que a autogestão da exploração pessoal. Se a luta for vitoriosa, a autogestão da produção torna-se supérflua, pois após a revolução a organização da produção é supérflua e contrarrevolucionária

O movimento revolucionário terá também de lutar as suas batalhas. Não apenas as tradicionais contra o capital, mas algumas novas, contra si mesmo. O tédio o está atacando por dentro, causando a sua deterioração, fazendo-o asfixiante, inabitável. Vamos deixar aqueles que gostam do espetáculo do capitalismo sozinhos. Os que estão bastante satisfeitos por representar as suas partes até ao fim. Estas pessoas pensam que as reformas podem realmente mudar as coisas. Mas isto é mais uma capa ideológica do que outra coisa. Eles sabem demasiado bem que mudar bocados é uma das regras do sistema. É útil ao capital ter as coisas arranjadas um pouco de cada vez. Assim, existe o movimento revolucionário, onde não faltam aqueles que atacam o poder do capital verbalmente. Estas pessoas geram uma enorme confusão. Aparecem com grandes declarações mas já não impressionam ninguém, muito menos o capital, que, com astúcia, os usa para a parte mais delicada do seu espetáculo. Quando precisa de um solista, coloca um destes intérpretes em palco. O resultado é lastimável. A verdade é que o mecanismo espetacular das mercadorias deve ser quebrado pela entrada, o domínio do capital, nos seus centros de comando, direito ao próprio núcleo de produção. Imagina que maravilhosa explosão de prazer, que grandioso salto para a frente, que extraordinário fim incerto. Só que é difícil entrar nos mecanismos do capital alegremente, com os símbolos da vida.

A luta armada é muitas vezes um símbolo de morte. Não porque traz a morte aos chefes e aos seus servos, mas porque quer impor as estruturas do domínio da própria morte. Concebida de outro modo, ela seria realmente prazer em ação, capaz de quebrar as condições estruturais impostas pelo espetáculo mercantil, tais como o partido militar, a conquista do poder, a vanguarda. Este é a outra inimiga do movimento revolucionário. A incompreensão. A recusa de ver as novas condições do conflito. A insistência em impor modelos do passado que se tornaram hoje parte do espetáculo mercantil. A ignorância da nova realidade revolucionária está conduzindo a uma falta de consciência teórica e estratégica da capacidade revolucionária do próprio movimento. E não basta dizer que há inimigos tão a mão que é indispensável intervir imediatamente, sem olhar a questões de natureza teórica. Tudo isto esconde a incapacidade de encarar a nova realidade do movimento e de evitar os erros do passado, que têm sérias consequências no presente. E esta recusa fomenta todos os tipos de ilusões políticas racionalistas. Categorias como vingança, líderes, partidos, a vanguarda, crescimento quantitativo, apenas significam algo

Capítulo VII

A vida é tão aborrecida que não há nada para fazer, a não ser gastar todo o nosso salário na última saia ou camisa. Irmãos e irmãs, quais são os vossos verdadeiros desejos? Sentarem-se no bar, com olhar distante, vazios, aborrecidos, beber um café sem sabor? Ou talvez EXPLODIR OU ATEAR FOGO EM TUDO?
The Angry Brigade

O grande espetáculo do capital nos engoliu a todos até ao pescoço. Atores e espectadores em alternância. Alternamos os papéis, quer seja pasmados de boca aberta olhando para os outros ou fazendo os outros ficarem pasmados ao olhar para nós. Desmontamos do coche de vidro, mesmo sabendo que é apenas uma abóbora. O feitiço da fada madrinha iludiu a nossa consciência crítica. Agora temos de jogar o jogo. Até a meia-noite, pelo menos. A pobreza e a fome continuam a ser a forças motrizes da revolução. Mas o capital está expandindo o espetáculo. Quer novos atores em palco. O maior espetáculo do mundo continuará a nos surpreender. Cada vez mais complexo, melhor e mais bem organizado. Novos palhaços se preparam para subir a tribuna. Novas espécies de bestas selvagens serão domesticadas. Os defensores da quantidade, amantes da aritmética, serão os primeiros e ficarão cegos pelas luzes da ribalta, arrastando a necessidade das massas e as ideologias da salvação atrás deles. Mas uma coisa de que não conseguirão se livrar é da sua seriedade. O maior perigo que enfrentarão será uma gargalhada. No espetáculo do capital, o prazer é fatal. Tudo é sombrio e fúnebre, tudo é sério e ordeiro, tudo é racional e programado, precisamente porque tudo é falso e ilusório. Para além das crises, para além de outros problemas do subdesenvolvimento, para além da pobreza e da fome, a última batalha para qual o capital terá de estar preparado, aquela decisiva, é a batalha contra o tédio.

Capítulo VI

Enquanto fores tu próprio a fazer o lançamento, tudo é habilidade e fácil de ganhar; só se de repente te tornas o que apanha a bola que o eterna colega arremessa, para o teu centro, com toda a sua força, num daqueles arcos de grandiosos e divinos construtores de pontes: apenas aí a capacidade de ganhar força é não tua, mas de um mundo.
Rilke

Todos acreditamos que já experimentamos o prazer. Cada um de nós acredita que já fomos felizes pelo menos uma ez nas nossas vidas. Só que esta experiência de prazer foi sempre passiva. Nos Acontece de divertir a nós mesmo. Não conseguimos "desejar" o prazer, da mesma maneira que não podemos obrigar o prazer a aparecer, quando queremos que o faça.

Toda esta separação entre nós e o prazer depende de estarmos "separados" de nós mesmas, divididas em dois pelo processo de exploração. Trabalhamos o ano inteiro para termos o "prazer" das férias. Quando estas chegam sentimo-nos "obrigados" a "desfrutar" do fato de estarmos de férias. Uma forma de tortura como outra qualquer. O mesmo acontece para os Domingos. Um dia terrível. A rarefação da ilusão de tempo livre demonstra o vazio do espetáculo mercantil em que vivemos. O mesmo olhar vidrado e sem vida fita o copo meio vazio, a tela de televisão, o jogo de futebol, a dose de heroína, a tela de cinema, as filas de trânsito, luzes de neon, as casas pré-fabricadas que completaram a matança da paisagem. Procurar "prazer" nas profundezas de qualquer uma das representações do espetáculo capitalista seria pura loucura. Mas isso é precisamente o que o capital quer. A experiência de tempo livre programada pelos nossos exploradores é mortal. Te faz querer ir trabalhar. A vida aparente de uma pessoa acaba por preferir a morte certa. Nenhum verdadeiro prazer chega até nós a partir do mecanismo racional de exploração capitalista. O prazer não tem regras fixas que o cataloguem. Mesmo assim, devemos ser capazes de desejar prazer. De outro modo estaríamos perdidos. A pro-

cura do prazer é, portanto, um ato de vontade, uma recusa firme das condições fixas do capital e dos seus valores. A primeira destas recusas é a do trabalho como um valor. A procura do prazer pode chegar apenas através da procura do divertimento.

Assim, o divertimento significa algo diferente do que estamos habituados a considerá-lo ser na dimensão do capital. Como a tranquila ociosidade, o divertimento que se opõe as responsabilidades da vida é uma imagem artificial, distorcida, do que ele realmente é. No atual estado do conflito e das constrições relativas na luta contra o capital, o divertimento não é um "passatempo", mas uma arma. Por um golpe de ironia, os papéis estão invertidos. Se a vida é algo sério, a morte é uma ilusão, no sentido de que, enquanto estamos vivos, a morte não existe. Agora, o reino da morte, ou seja, o reino do capital, que nega a nossa própria existência como seres humanos e nos reduz a "coisas", parece bastante sério, metódico e disciplinado. Mas o seu apogeu possessivo, o seu rigor ético, a sua obsessão com o "fazer", todos escondem uma grande ilusão: o vazio total do espetáculo mercantil, a inutilidade da acumulação indefinida e o absurdo da exploração.

Assim, a grande seriedade do mundo do trabalho e da produtividade esconde uma completa falta de seriedade. Por outro lado, a recusa deste mundo estúpido, a perseguição do prazer, dos sonhos, da utopia, na sua declarada "falta de seriedade", oculta a mais séria coisa na vida: a recusa da morte. Na confrontação física com o capital, o divertimento toma diferentes formas, mesmo deste lado da cerca. Muitas coisas podem ser feitas "divertidamente", ainda que a maioria das coisas que fazemos, fazemo-as muito "seriamente", usando a máscara da morte que pedimos emprestada ao capital. O divertimento é caracterizado por um impulso vital que é sempre novo, que está sempre em movimento. Agindo como se estivéssemos a brincar, carregamos a nossa ação com este impulso.

Nos libertamos da morte. O divertimento faz nos sentir vivos. Nos da a excitação da vida.

No outro modelo de atuação fazemos tudo como se fosse um dever, como se "tivéssemos" que fazer. É na sempre nova excitação do divertimento, totalmente o oposto a alienação e loucura do capital, que somos capazes de identificar o prazer. Aqui reside a possibilidade de quebrar com o velho mundo e de nos identificarmos com novos objetivos e outros valores e necessidades. Mesmo que o prazer não possa ser considerado o objetivo do ser humano, ele é, indubitavelmente, a dimensão privile-

giada que torna diferente o confronto com o capital, quando perseguido deliberadamente.